

LITERATURA E AUTOBIOGRAFIA EM JORGE AMADO: uma análise de
*Navegação de cabotagem***LITERATURE AND AUTOBIOGRAPHY IN JORGE AMADO: *Navegação de***
*cabotagem analysis*Douglas Rodrigues de Sousa⁷²
David Lucas de Freitas Lopes⁷³

RESUMO: No âmbito literário, os gêneros autobiográfico e biográfico conquistaram notoriedade no decorrer do século XX, despertando interesse em estudiosos da literatura. Nesse contexto, teóricos franceses como Philippe Lejeune foram responsáveis por desenvolverem estudos críticos acerca do gênero, buscando estabelecer a relação intrínseca entre o autor e a obra. Partindo dessa perspectiva, o objetivo deste estudo é refletir e estabelecer apontamentos a respeito da relação entre Jorge Amado e o gênero autobiográfico, tendo como base sua obra *Navegação de Cabotagem* (1992). Por meio da análise das memórias expostas pelo autor neste livro, pretendemos identificar indícios autobiográficos que possam ser utilizados para aprofundar a compreensão da literatura amadiana. Observou-se que, nesta obra, Jorge Amado busca se afastar da concepção tradicional de escrita de memórias e autobiografias, recusando-se a seguir uma linearidade narrativa e uma ordenação cronológica dos fatos. Dessa forma, *Navegação de Cabotagem* (1992) apresenta-se como uma retrospectiva da vida do autor, desde sua intimidade até a formulação de seus escritos. Para alcançar esse objetivo, a presente pesquisa irá se concentrar nos campos autobiográfico e literário, tendo como referencial teórico autores como Lejeune (2014), Candido (2000), Sousa (2022) e Salah (2008). Pretendemos, assim, evidenciar algumas particularidades presentes na tradição literária de Jorge Amado, que manifestou em suas obras, especialmente em *Navegação de Cabotagem*, interessantes histórias sobre si mesmo e sobre seu processo de escrita. Dessa forma, a pesquisa irá se pautar em uma análise minuciosa da obra, identificando elementos autobiográficos e estabelecendo relações entre esses elementos e a literatura produzida por Jorge Amado.

Palavras-chave: *Navegação de Cabotagem*; Jorge Amado; Autobiografia.

ABSTRACT: In the literary realm, the autobiographical and biographical genre gained notoriety throughout the 20th century, arousing interest among scholars of literature. In this context, French theorists such as Philippe Lejeune were responsible for developing critical studies about the genre, seeking to establish the intrinsic relationship between the author and the work. Based on this perspective, the objective of this study is to reflect and establish notes regarding the relationship between Jorge Amado and the autobiographical genre, based on his work "Navegação de Cabotagem" (1992). Through the analysis of the memories exposed by

⁷² Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (graduação e mestrado em Letras). Membro do grupo de pesquisa LAMID – UEMA e do Grupo de Pesquisa em Literatura e Cultura, da UNB. Email: doug.rsousa@gmail.com

⁷³ Graduando em Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Maranhão – Campus Presidente Dutra. Bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. E-mail: dlfreitas215@gmail.com

the author in this book, we intend to identify autobiographical clues that can be used to deepen the understanding of Amadian literature. It was observed that in his work, Jorge Amado seeks to distance himself from the traditional conception of memoir and autobiography writing, refusing to follow a narrative linearity and chronological ordering of events. Thus, "Navegação de Cabotagem" (1992) presents itself as a retrospective of the author's life, from his intimacy to the formulation of his writings. To achieve this objective, this research will focus on the autobiographical and literary fields, having as theoretical reference authors such as Lejeune (2014), Candido (2000), Sousa (2022) and Salah (2008). We intend to highlight some peculiarities present in Jorge Amado's literary tradition, which he manifested in his works, especially in "Navegação de Cabotagem", interesting stories about himself and his writing process. Thus, the research will be based on a thorough analysis of the work, identifying autobiographical elements and establishing relationships between these elements and the literature produced by Jorge Amado.

Keywords: Jorge Amado; *Cabotage Navigation*; Autobiography.

INTRODUÇÃO

Philippe Lejeune, no livro *O pacto autobiográfico*, aponta que a autobiografia é uma forma de “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 2014, p. 16). O teórico acentua que a presença de um narrador em primeira pessoa é habitualmente vista nesse tipo de texto, e que o próprio frequentemente apresenta-se como a personagem principal.

Lejeune também enfatiza que a autobiografia é um formato de escrita altamente subjetivo, no qual o autor é tanto o objeto quanto o sujeito da narrativa expressa. Isso significa que a autobiografia é uma forma de autoexpressão, na qual o autor pode designar quais particularidades de sua vida e personalidade serão representados.

Na obra *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei* (2012), a assimilação entre autor, narrador e personagem é evidenciada, como destaca Philippe Lejeune (2014, p. 18) “para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem”. Sob essa ótica, a narrativa autodiegética, conceito elaborado por Gérard Genette, é relevante para a compreensão da estrutura autobiográfica. Segundo Lejeune (2014, p. 18) “a identidade narrador-personagem principal, suposta pela autobiografia, é na maior parte das

vezes marcada pelo emprego da primeira pessoa. É o que Gérard Genette denomina narração 'autodiegética' [...]'". Sendo assim, a identidade entre o narrador e o personagem principal é geralmente marcada pelo uso da primeira pessoa, o que é característico da narrativa autodiegética. Isto posto, o autor da obra e o narrador que relata suas próprias reminiscências ao leitor são a mesma pessoa, o que cria uma sensação de autenticidade e intimidade na narrativa autobiográfica.

Em *Navegação de Cabotagem* (2012), Jorge Amado segue a mesma linha de escrita presente em sua obra anterior, *Menino Grapiúna* (1981), ao apresentar-se como narrador de suas próprias vivências. No entanto, há uma diferença significativa: enquanto na segunda o autor ora retoma suas memórias em primeira pessoa, ora em terceira pessoa, no primeiro acompanhamos sua vida adulta por meio do constante uso da primeira pessoa.

Assim sendo, a narrativa autobiográfica de Amado apresenta-se como um mosaico de memórias e vivências, sem um ordenamento linear precisado. Amado revela sua vida por meio de retalhos, enfatizando as minúcias e os detalhes que marcaram sua trajetória, como assinalado pelo próprio autor, o livro é um encontro com o "saldo de miudezas de uma vida bem vivida" (AMADO, 2012, p. 12).

É importante ressaltar que sua escrita autobiográfica é influenciada por diversos pontos, como o contexto histórico, social e cultural do autor, suas experiências de vida e seu modo de relacionar-se com a narrativa exposta. Sua obra reflete não apenas suas experiências pessoais, mas também as transformações políticas e culturais pelas quais o Brasil passou alinhavadas à sua vida.

Philippe Lejeune discorre sobre as perspectivas da autobiografia e a propriedade referencial dos textos biográficos e autobiográficos. Esses gêneros fornecem informações que podem ser examinadas e ratificadas na realidade, não se trata simplesmente de uma mera verossimilhança, mas sim de uma representação daquilo que é real. Lejeune conceitua essa vertente como *pacto referencial*, no qual “[...] Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o ‘efeito de real’, mas a imagem do real. Todos esses textos referenciais comportam então o que chamarei de pacto referencial [...]” (LEJEUNE, 2014, p. 43).

A obra *Navegação de Cabotagem* (2012), de Jorge Amado, é um exemplo de como os relatos são apresentados de forma a assegurar que os eventos reproduzidos são referentes a fatos

experienciados pelo escritor. Jorge Amado se apresenta enquanto narrador de suas próprias vivências, em primeira pessoa, relatando sua vida adulta em forma de fragmentos sem um ordenamento linear fixo. Dessa forma, o autor constroi um texto de caráter autobiográfico que se insere no pacto referencial estabelecido por Lejeune, ou seja, os fatos narrados possuem um compromisso com a realidade.

O livro manifesta uma estrutura narrativa que abrange a presença de um narrador, um autor e um personagem, que em conjunto, formam a identidade da obra. De acordo com Lejeune, esses elementos são basilares para a produção da autobiografia literária. Entretanto, uma particularidade que merece atenção é o fato de o escritor ter se “negado” a escrever suas memórias, evidenciado tanto no subtítulo do livro quanto na estruturação narrativa.

No prefácio da obra, Amado explica a sua posição em relação a essa negação frente à suas memórias, afirmando que “não vale a pena escrevê-la, não lhes encontro graça” (AMADO, 2012, p. 12). Principalmente os momentos grandiosos e excessivamente sentimentais que, segundo o autor, são mais adequados para “memórias de escritor importante” (AMADO, 2012, p. 12). Essa reflexão do autor acerca da seleção de memórias a serem expostas, demonstra sua concepção particular de autobiografia e revela o seu processo de construção da identidade narrativa. Nesse sentido, a obra transcende a mera exposição de fatos e converte-se em uma narrativa ficcional complexa, que traz consigo uma reflexão sobre a própria literatura e sobre o papel social do escritor.

O arranjo dos eventos retratados é estabelecido pelo romancista “à proporção que me vinham à memória, começaram a ser postas no papel a partir de janeiro de 1986” (AMADO, 2012, p. 11). Jorge Amado complementa que “a referência a ano e a local destina-se apenas para situar no tempo e no espaço o acontecido, a recordação” (AMADO, 2012, p.11). Dessa forma, a escrita autobiográfica torna-se uma forma de perpetuar-se e de construir um sentido para a própria existência. Assim, a escrita de *Navegação de Cabotagem* (2012) é uma forma de reconstruir a trajetória de vida do autor, por meio de um processo criativo que une memória, subjetividade e literatura.

A obra é considerada um texto de relevância ímpar na história da literatura nacional. Em virtude de seu alto valor literário, o livro é frequentemente revisitado por aqueles que buscam perscrutar-se na história literária nacional. No âmbito das produções de memórias e autobiografias, a obra em questão continua a ser um dos expoentes mais relevantes, visto que

Amado constrói uma narrativa autobiográfica complexa e rica em elementos literários. Ademais, suas navegações retratam uma fase específica da vida do autor, sua vida adulta, e apresenta uma visão particular e subjetiva do mundo, que só poderia ser expressa por meio da visão literária amadiana.

Pretende-se aqui constituir um seguimento metodológico de investigação por meio de uma leitura minuciosa da obra, em que buscar-se-á compreender seu lugar no âmbito autobiográfico, e como esta atua na composição textual de Amado. Indo além da escrita intimista, discorreremos sobre as concepções e o fazer literário amadiano.

A participação amadiana na constituição de uma identidade literária nacional

À medida que nos propomos a efetuar uma análise literária, é fundamental considerar diversos fatores que influenciam na produção da obra. A priori, é necessário entender que a literatura é um produto de seu tempo e que o meio social e histórico em que um escritor está inserido pode exercer grande influência sobre sua escrita. Por essa razão, é importante explorar a obra em questão à luz desses aspectos, buscando assimilar de que modo o cenário histórico e social, em que o autor esteve inserido, pode ter exercido alguma influência sobre sua escrita.

Além disso, ao analisar uma obra, também é importante ressaltar as repercussões que ela causou em seu contexto social. É necessário entender como foi recebida pelos leitores e críticos, bem como quais foram as contribuições que este objeto literário trouxe para o universo artístico. Por meio dessa investigação, podemos desenvolver uma compreensão mais ampla acerca do fazer literário de um determinado autor, bem como seu papel na história da literatura.

Desse modo, ao dissecar uma obra literária, é fundamental adotar uma perspectiva ampla e multidisciplinar, que considere não apenas o texto em si, mas também o contexto em que ele foi produzido e as contribuições que trouxe para a literatura. Somente dessa forma é possível desenvolver uma análise completa e aprofundada do objeto analisado.

Nessa prospectiva, Antonio Candido desenvolve em suas obras o conceito de texto e contexto e como as obras são produzidas:

Como se vê, não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute

e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo o processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, seu efeito (CANDIDO, 2000, p. 20).

Ainda dentro dessa perspectiva, Candido (1981) propõe a ideia de que existem autores que possuem um valor histórico e literário, mas que não são suficientes para integrar o sistema literário. Um exemplo disso é o poeta Gregório de Matos, cujas obras não foram objeto de leitura crítica em sua época de lançamento. Embora seja reconhecido como um importante poeta barroco brasileiro, Gregório de Matos enfrentou muitas dificuldades em sua época, incluindo a censura e a perseguição religiosa:

[...] Com efeito, embora tenha permanecido na tradição local da Bahia, ele não existiu literariamente (em perspectiva histórica) até o Romantismo, quando foi redescoberto, sobretudo graças a Varnhagen; e só depois de 1882 e da edição Vale Cabral pôde ser devidamente avaliado. Antes disso, não influiu, não contribuiu para formar o nosso sistema literário [...] (CANDIDO, 1981, p. 24).

Ao longo da história da literatura brasileira, poucos autores conseguiram firmar-se como ícones nacionais, representando não apenas uma produção literária de qualidade, mas também uma conexão com as tradições e a identidade cultural do país. Nesse contexto, surge Jorge Amado, um escritor que não apenas consolidou-se como um dos grandes nomes da literatura brasileira, mas que também se tornou um importante construtor da tradição literária nacional.

Em suas navegações muitos foram os esforços feitos objetivando esse fim, o romancista concluiu então ser necessário um indubitável rompimento com as normas e convenções literárias até então vigentes, iniciando, assim, uma literatura que possuísse uma essência popular, que fosse capaz de dar voz aos socialmente excluídos, aos problemas e anseios dos mais pobres e marginalizados. O espírito revolucionário, era nítido e manter-se-ia no perpassar de seus escritos e trajetória sociopolítica, como apontado por Amado em seus escritos:

A Academia dos Rebeldes foi fundada na Bahia em 1928 com o objetivo de varrer com toda a literatura do passado - raríssimos os poetas e ficcionistas que se salvariam do expurgo - e iniciar a nova era (AMADO, 2012, p. 76).

O movimento, sob a "liderança espiritual" de Pinheiro Viegas (1865-1937), possuía uma notória variedade estética em suas produções, desde manifestos literários, crônicas políticas e sociais à poesias. Em seu conteúdo havia uma rebeldia, contra o sistema social e artístico vigente, e um compromisso em utilizar o universo literário a fim de promover profundas alterações sociais e combater as desigualdades, assim, rompia-se com a tradição literária estilista e voltava-se às camadas populares. Por seu caráter combativo, não faltou críticas e elogios aos escritos e seus respectivos autores ao longo de sua breve trajetória, tornando inegável o impacto gerado. Pensando em um saldo de miudezas, Jorge Amado encara esse conjunto de produções de forma positiva:

A Obra Poética e Iararana, de Sosígenes Costa: sua poesia, nossa glória e nosso orgulho; a obra monumental de Edison Carneiro, pioneiro dos estudos sobre o negro e o folclore, etnólogo eminente, crítico literário, o grande Edison; os Sonetos do mal-querer e os Sonetos do bem-querer, de Alves Ribeiro, jovem guru que traçou nossos caminhos; os dois livros de contos de Dias da Costa, Canção do Beco, Mirante dos Aflitos; os dois romances de Clóvis Amorim, O Alambique e Massapê; o romance de João Cordeiro, devia chamar-se Boca Suja, o editor Calvino Filho mudou-lhe o título para Corja; as coletâneas de poemas de Aydano do Couto Ferraz, a de sonetos de Da Costa Andrade; os volumes de Walter da Silveira sobre cinema — some-se com meus livros, tire-se os nove fora, o saldo, creio, é positivo (AMADO, 2012, p. 76).

Embora Jorge Amado tenha apontado diversos aspectos positivos em torno da produção literária "rebelde", desde o conteúdo às influências, o romancista reconhece que o grupo não obteve sucesso em sua tentativa de derrubada de determinadas concepções tradicionais na literatura nacional, como pode-se ler no seguinte trecho da crônica memorialística:

Não varremos da literatura os movimentos do passado, não enterramos no esquecimento os autores que eram os alvos prediletos de nossa virulência: Coelho Neto, Alberto de Oliveira e em geral todos os que precederam o modernismo. Mas sem dúvida concorreremos de forma decisiva [...] para afastar as letras baianas da retórica, da oratória balofa, da literatice, para dar-lhe conteúdo nacional e social na reescrita da língua falada pelos brasileiros. Fomos além do xingamento e da molecagem, sentíamos-nos brasileiros e baianos, vivíamos com o povo em intimidade, com ele construímos, jovens e libérrimos nas ruas pobres da Bahia (AMADO, 2012, p. 76).

Amado foi um autor que teve uma consciência clara da importância de desenvolver uma tradição literária que apresentasse seu próprio valor, sem se voltar em demasia para a literatura europeia. O escritor objetivou valorizar as tradições e aspectos populares como elemento base de uma cultura genuinamente local, bem como a representação da identidade nacional calcada na mestiçagem. Ao fazer isso, ele contribuiu significativamente para a formação de uma literatura nacional mais autêntica e conectada com as tradições do povo brasileiro.

A obra de Jorge Amado é uma reflexão da cultura, da história e da sociedade brasileira, e seus personagens e histórias são inegavelmente brasileiros. Com uma escrita acessível e envolvente, ele foi capaz de cativar tanto os críticos literários quanto o público em geral, e sua obra é reconhecida como uma importante contribuição para a literatura brasileira.

No âmbito literário nacional é extremamente relevante destacar um trecho da declaração exposta por Jorge Amado em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras em 17 de julho de 1961, como podemos ler:

Quando digo que Alencar e Machado são o romance brasileiro, não o faço tão-somente para exaltar a grandeza do criador de *Iracema* ou a grandeza do criador de *Capitu*. Faço-o, sobretudo, para ressaltar a oposição existente entre essas duas grandezas, ambas, no entanto, autênticas e fundamentais em nossa história literária. A grandeza de Alencar resulta de certos valores que marcam e definem toda uma vertente de nossa ficção, assim como a grandeza de Machado é consequência de valores outros que marcam e definem toda uma vertente do romance e do conto brasileiros. [...] Um é a força do povo, bravia, descontrolada, enchente e enxurrada, árvore nunca podada, jequitibá gigante, floresta enredada de cipós, grávida de cores violentas, rumorosa de vozes de pássaros, espalhando-se sem fronteiras como um rio em cheia, banhada de sol e de luar, de "verdes mares bravios de nossa terra natal", excessiva de deslumbrante. [...] Machado somou, ao seu conhecimento da vida e dos homens, a qualidade literária conquistado dia a dia, palmo a palmo, é feito de meia luz e de meia sombra (AMADO, Jorge. "Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras". *In*: Discurso de posse de Jorge Amado. Rio de Janeiro: ABL, 1961).

Sob uma perspectiva literária o autor afirmou certa vez ser um rebento de José de Alencar. Como lemos no trecho:

Quanto a mim sou um rebento da família de Alencar. Nasci para a literatura e o romance com uma geração de coração aberto e generoso [...] é curioso notar que, se numerosa é a descendência de Alencar, não tem ele praticamente

imitadores, como se os romances que compõem esta vertente de nosso romance recebessem do mestre apenas a indicação de um caminho. Enquanto a maioria dos descendentes de Machado - com evidentes e importantes exceções - são seus imitadores copiando do mestre não apenas a posição ante a vida transposta para a arte, mas também os cacoetes e os modismos. É que Alencar nos logra a vida e a vida vive-se, não se imita, enquanto Machado nos lega a literatura, a perfeição artística que invejamos e tentamos imitar (AMADO, Jorge. "Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras". In: Discurso de posse de Jorge Amado. Rio de Janeiro: ABL, 1961).

Desse modo, Jorge Amado retrata em seus enredos a presença constante da felicidade popular brasileira, seus livros transmitem alegria, dança, festa e diversão. O autor busca transmitir em suas histórias a cultura popular brasileira em suas diversas formas de expressão. E, sobretudo, torná-las acessíveis ao grande público.

A literatura de Jorge Amado: apontamentos sobre seu fazer literário

Ao longo de *Navegação de Cabotagem* é possível observar alguns processos reflexivos de Amado no que concerne a seu processo de escrita. O escritor classifica esse caminho como um ofício duro e emocionante. Suas criações são desenvolvidas passo a passo, desencavando-as de sua cabeça e coração, e posteriormente, após concluído o processo, observa-as, de forma efusiva, vivas por meio das palavras:

[...] concebo e levanto ambientes e personagens, pouco a pouco os desentranho da cabeça, do coração, dos culhas e os vejo vivos no papel, chorando e rindo — duro, difícil, emocionante ofício o de escritor. Há quem diga que o faço bem, há quem diga que o faço mal, eu o faço o melhor que posso, não busco outra ocupação, pois não sei fazer mais nada (AMADO, 2012, p. 194-195).

Outro significativo aspecto a ser delineado em suas reflexões, é a autoria. Enquanto autor, acredita que suas obras só existem no exato instante de suas elaborações, mas uma vez que as tenha finalizado, os textos já não lhes pertencem mais. Nesse ponto, tais produções passam a pertencer a outros sujeitos, tais como os leitores:

Para mim meus romances só existem enquanto os escrevo, ao colocar a palavra fim ao pé da página, o romance que me consumiu o juízo e me comeu as carnes deixa de existir — não é bem isso: continua a existir, mas já não é

meu. Passa a pertencer aos outros: editores críticos, tradutores, leitores, aos leitores sobretudo. Meu, exclusivamente meu, somente durante o tempo dos dedos no teclado da máquina de escrever na busca dos caminhos da narrativa [...] (AMADO, 2012, p. 194).

O romancista aponta, ainda, que os escritos possuem uma data especificada que caracteriza os traços da personalidade de seu autor quando os engendrou. Estes aspectos divisam todas as experiências até então adquiridas, a estrutura de concepções filosóficas e sociológicas expostas em cada linha não repetir-se-ão a posteriori, designando, portanto, um "eu" temporal:

[...] O livro a meu ver tem data — na concepção, na escrita, no conteúdo, na criação artística e humana —, data que corresponde à personalidade do autor quando o elaborou e escreveu. Delimita a experiência adquirida até então, a posição perante o mundo e a vida, a maneira de ver e de pensar, os ideais, a ideologia, as limitações, as aspirações, designa um homem em tempo e circunstância que já não se repetirão. Se reescrevo o livro serão outros o tempo e a circunstância, também o livro já não será o mesmo, ainda que melhore a escrita, a composição da história, a condição dos personagens, ao reescrevê-lo eu o perdi, ao burilá-lo eu o reneguei (AMADO, 2012, p. 195).

Sob uma perspectiva macro, é possível observar que a obra literária e artística de Jorge Amado apresenta uma forte ligação com a história e a formação do Brasil. Em suas produções, o autor aborda temas como a mestiçagem e a diversidade cultural que constituem a identidade nacional, retratando de maneira única as peculiaridades inerentes ao povo brasileiro.

A Bahia, em particular, é um dos principais cenários a serem representados na obra de Jorge Amado. O autor, nascido em uma fazenda de cacau no município de Itabuna, sempre se inspirou em sua região natal para criar suas narrativas. Por meio de seus escritos, o ficcionista traz à tona a riqueza da cultura baiana em todas as suas facetas, desde o cotidiano das pessoas mais simples até as manifestações culturais mais complexas.

A pobreza, as festas, a comida, a capoeira e os cultos afro são alguns dos aspectos abordados nas obras. Em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), por exemplo, o autor retrata a rotina de Ilhéus, cidade litorânea da Bahia, onde a personagem Gabriela, uma retirante nordestina, se envolve com Nacib, dono de um bar e de uma fazenda de cacau. A partir dessa história, Jorge Amado traz à tona a riqueza e a complexidade das relações sociais e culturais presentes na região.

Além disso, é importante ressaltar que Jorge Amado utilizava sua produção literária como forma de denúncia social, especialmente durante o período da ditadura militar no Brasil. Em seu projeto literário, o autor aborda questões como a desigualdade social, o racismo e a opressão política, tornando-se um importante porta-voz dos movimentos sociais da época.

A obra literária de Jorge Amado é marcada pela representação da vida do povo brasileiro, com destaque para as pessoas mais simples, que aparecem em diversos personagens e enredos de sua autoria. Na fase inicial de suas produções, é notória a presença de projetos sociais interligados que reivindicam profundas alterações nas estruturas sociais. Esses projetos, por conseguinte, refletiam suas convicções políticas e sociais em constante amadurecimento. Em outras palavras, sua literatura não se restringe à meras fontes de entretenimento, mas busca retratar a realidade e as questões sociais do país, mostrando o cotidiano, as dificuldades e a luta do povo brasileiro.

Mantendo o enfoque em sua fase literária inicial, destaquemos a obra *O País do Carnaval* (1931) em que é considerada um marco da literatura brasileira, pois apresenta uma visão crítica e engajada da realidade social do país. Nesse sentido De Sousa (2022, p. 64) destaca que é nesse ponto que "Jorge Amado começa a delinear temas e facetas do romancista que, posteriormente e já mais maduro, reforçariam e aportariam novas conotações a tais abordagens". No que se refere às suas conjecturas literárias, seja no campo estético ou na própria temática, Amado (2012, p. 146), sem entusiasmo, aponta que o romance se constituiu em uma "linha romanesca de influência europeia, debate intelectual de ideias (*sic*), bobageira". Ainda, o autor observa um certo caráter ingenuamente literário, simplório e artificial:

O país do Carnaval é o livro de um jovem de 18 anos. Era a idade que eu tinha quando escrevi. E tido pessimismo que transparece neste romance é totalmente artificial. É uma atitude exclusivamente literária, ingenuamente literária. É uma máscara, uma roupa emprestada - um pouco como se vestíssemos uma capa de chuva num dia de sol porque achamos que o efeito é bonito" (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p. 45-46).

Suas obras iniciais apresentam-se como embriões de suas futuras produções, em que estas atuam como versões mais completas e estruturadas em comparação àquelas. É no transpassar da estruturação de sua literatura que a representação social genuinamente nacional se faz presente, como observado na obra *Cacau* (1933), acompanhamos um ambiente

notavelmente opressivo e exploratório em que viviam os trabalhadores rurais da região na época, bem como as relações de poder entre os grandes proprietários de terra e os trabalhadores. De Sousa (2022) aponta que o romancista se dedica em elaborar diversas histórias que visam retratar as mais variadas facetas de nossa sociedade nacional ao longo da história, desde as questões trabalhistas vigentes à época até os costumes e crenças do povo baiano:

Olhos, lábios, mãos, alma, espírito, corpo, atos e gestos do povo e da gente brasileira. Diálogo permanente com seu meio social, com o conhecido e desconhecido, com o outro nas suas dimensões mais profundas. [...] Tudo isso artifício necessário para captar "o sopro de vida do povo brasileiro". E é o povo, de todas as maneiras, o maior personagem da sua literatura. Recriados e transpostos. [...] Fios que costuram de um ponto a outro, amarram-se e se envolvem, afrouxam e apertam, formando a teia gigantesca, a seara milagrosa da obra de Jorge Amado (DE SOUSA, 2022, p. 75).

Segundo uma tese de Antonio Candido, a obra de Jorge Amado se desdobra em uma dialética de poesia e documento:

Se encararmos em conjunto sua obra, veremos que ela se desdobra segundo uma dialética da poesia e do documento, este tentando levar o autor para o romance social, o romance proletário que ele quis fazer entre nós, a primeira arrastando-o para um tratamento por assim dizer intemporal dos homens e das coisas (CANDIDO, 1962, p. 112).

Assim, entende-se que o caráter poético tenta levar o autor para um tratamento intemporal dos homens e das coisas, enquanto o aspecto documental busca retratar a realidade social e histórica do povo brasileiro, com suas lutas, crenças e tradições. Essa dualidade presente na obra de Jorge Amado e apontada por Candido é uma das características que a torna tão representativa do povo brasileiro, ao mesmo tempo em que é, também, uma obra de grande valor estético e literário.

Na segunda fase de sua carreira literária, Jorge Amado passou a dedicar-se a temas que exploravam os aspectos folclóricos e populares da cultura brasileira. Essa abordagem permitiu que ele abrisse espaço para uma representação mais abrangente da sociedade brasileira, que incluía a mestiçagem, até então pouco explorada na literatura nacional.

Um dos exemplos mais significativos dessa abordagem pode ser visto em seu livro *Jubiabá*, publicado em 1935, que é um relato inspirado na vivência dos negros pobres de

Salvador. O livro retrata a luta de um jovem negro, Balduino, que busca se libertar da pobreza e das limitações sociais impostas pela sua condição de origem.

Em outra vertente, temos *Mar Morto*, publicado em 1936, que retrata a vida dos pescadores da Bahia. O livro apresenta uma visão poética e emotiva da vida desses trabalhadores, que lutam diariamente para sobreviver em um ambiente hostil e desafiador.

Em *Jubiabá* (1935), somos apresentados à diversos aspectos da cultura negra e afro-brasileira, incluindo a religião do candomblé com uma forte presença de cantos em iorubá:

O orixalá era Xangô, o deus do raio e do trovão, e como desta vez ele tinha pegado uma feita, a negrinha saiu da camarinha vestida com roupas do santo: vestido branco e contas brancas pintalgadas de vermelho, levando na mão um bastãozinho. A mãe do terreiro puxou o cântico saudando o santo: “*Edurô dêmin lonan ô yê!*” A assistência cantou em coro. “*A umbó k’ó wá jô!*” (AMADO, 1935, p. 87).

Sendo a tradição literária amadiana o objeto de investigação, convém trazermos à luz da análise o destacado romance proletário, sendo este um estilo literário que apresenta como temática central o embate travado por trabalhadores, com enfoque na classe operária, e a exploração sofrida sob a estrutura socioeconômica capitalista vigente. Esse tipo de narrativa se desenvolveu no início do século XX, especialmente na União Soviética, mas teve uma presença significativa em outros países, incluindo o Brasil. Em diversos escritos amadianos sobressai-se os temas relacionados à luta dos trabalhadores e à exploração no contexto social brasileiro, aproximando-o, dessa forma, do gênero proletário.

Seu fascínio pelo romance revolucionário (ou proletário) surge ainda muito cedo, aos 19 anos, por meio das obras russas, referência máxima do gênero, em especial os escritos de Kurt Klaber. Sobre essa influência o escritor nos diz:

Já no Rio, aos dezenove anos, li os romancistas revolucionários, com eles me identifiquei, decidi ser um a mais na predica da justa causa. O romance de Kurt Klaber, com prefácio de Thomas Mann, *Passageiros de Terceira*, proclamava-se romance proletário. Mais do que a técnica, redigido todo em diálogos, mais do que a descrição da viagem de volta à pátria de emigrantes alemães desencantados com os Estados Unidos, a qualificação me seduziu. Cacau intitulou-se romance proletário (AMADO, 2012, p. 398).

Num curto espaço de tempo, Jorge Amado, projeta-se e desponta na categoria, consolidando-se por meio da obra *Cacau* (1933), tornando-a um dos marcos do romance proletário na literatura nacional. O enredo apresenta-nos à história de uma comunidade de trabalhadores rurais em uma região da Bahia que luta contra a opressão dos latifundiários e da elite política local. O romancista conseguiu retratar de forma realista e crítica a realidade diária vivenciada pelos trabalhadores rurais no Brasil da época, denunciando a exploração e a opressão a que eram submetidos.

Quando examinamos a obra *Cacau* (1932), sua epígrafe revela-nos: “tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?” (AMADO, 1932).

Dessa forma, podemos observar uma intenção por parte do autor em retratar uma realidade social pela via literária. Grandes escritores, como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado, utilizaram a literatura para denunciar injustiças, promover a igualdade, a liberdade e a diversidade. A literatura é uma das principais formas de representação da realidade, pois permite que os escritores expressem suas visões de mundo, suas percepções sobre a sociedade e suas experiências pessoais, de uma maneira única e criativa. Intenção evidenciada posteriormente pelo romancista:

Lendo *A Bagaceira* virei escritor brasileiro, lendo os russos, o alemão e o judeu norte americano desejei ser romancista proletário. Escrevi *Cacau*, nada tinha a ver com *O país do Carnaval*. “Será um romance proletário?”, perguntava na nota de entrada (AMADO, 2012, p. 147).

A partir do que foi apresentado ao longo deste texto, é possível compreender que a principal intenção da literatura de Jorge Amado é retratar a realidade social vivenciada pelo povo, o que é evidenciado em sua vasta produção literária. O próprio escritor reconhece o legado que deixou por meio de suas obras:

Sei também, de ciência certa, existir nas páginas que escrevi, nas criaturas que criei, algo imperecível: o sopro de vida do povo brasileiro. Não carrego vaidade, presunção, e sim, orgulho (AMADO, 2012, p. 305).

Jorge Amado tinha consciência de sua importância no cenário literário, mas nunca caiu no erro do egocentrismo ou da bajulação a si mesmo. Para o romancista, a verdadeira virtude está no povo e na cultura popular, que ele retrata em seus escritos. Amado se via como um artista que dava forma física aos elementos que observava na sociedade, e não como um detentor das virtudes retratadas. Isso mostra como o escritor estava comprometido em representar a realidade da forma mais autêntica e inclusiva possível, sem se colocar em um pedestal ou se distanciar daqueles que inspiravam sua arte. A obra de Jorge Amado é, portanto, um retrato da sociedade brasileira e um legado importante para a literatura nacional.

Considerações finais

Por meio deste texto objetivou-se compreender os relatos memorialísticos presentes em *Navegação de Cabotagem* (2012), obra autobiográfica de Jorge Amado, bem como analisar seu valor histórico e literário. A partir dessa análise, é possível constatar que os relatos de Amado são compostos por fragmentos memorialísticos que se unem para formar um mosaico amplo e complexo, que atua como uma tradução simbólica de suas vivências.

No subtítulo da obra, *apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, é possível observar um estado de negação em relação à ação de expor suas memórias. Entretanto, o escritor expõe suas vivências sob uma organização não cronológica e em forma de relatos fragmentados. Amado estabelece, dessa forma, um movimento duplo, em que nega suas memórias em alguns momentos e, em outros, as reitera.

A obra de Jorge Amado é importante não apenas por sua qualidade literária, mas também por oferecer uma perspectiva única e subjetiva de sua vida e de sua trajetória enquanto escritor. A partir de sua obra autobiográfica, o autor apresenta um relato que é ao mesmo tempo pessoal e coletivo, permitindo que os leitores se identifiquem com suas vivências e compreendam melhor o contexto histórico e social em que elas ocorreram.

Dessa forma, a estrutura narrativa autobiográfica é presente em *Navegação*, apesar das negações exercidas pelo autor. Indo além do âmbito autobiográfico, vale reafirmar, ainda, o processo de encadeamento edificado entre o universo literário de Jorge Amado, seu contexto histórico e social e o “eu” escritor, que se imbricam em camadas de suas memórias.

É possível perceber a presença de símbolos nacionais em suas obras, os quais são utilizados de forma simbólica para representar aspectos sociais verdadeiramente brasileiros, algumas vezes marginalizados. A realidade ficcional de Amado é marcada pela simplicidade, alegria, sensualidade e mestiçagem, o que confere à sua obra um tom de celebração da cultura nacional.

Ao explorarmos a obra de Jorge Amado, é possível perceber uma interconexão entre a literatura e a realidade histórica na qual o autor estava inserido. Sua obra não se limita a um mero entretenimento, mas sim a uma representação da sociedade brasileira, especialmente a baiana, em diferentes momentos históricos.

Ao longo de seus romances, é possível encontrar referências à eventos históricos importantes, como a Revolução de 1930, a Segunda Guerra Mundial e o golpe militar de 1964, além de reflexões sobre questões sociais e culturais, como a desigualdade social, a religiosidade popular e a vida cotidiana das pessoas comuns.

A literatura amadiana não apenas retrata a realidade histórica, mas também se torna um objeto de estudo para entender melhor um determinado período histórico e a cultura do povo brasileiro. Seus romances são ricos em detalhes e personagens complexos, que nos permitem mergulhar na história e sentir a atmosfera da época retratada.

Além disso, o universo literário de Jorge Amado tem um valor documental significativo, pois nos oferece uma visão de dentro sobre a vida e as tradições das pessoas da Bahia e de outras regiões do Brasil. Suas histórias são uma fonte de informações preciosas para antropólogos, historiadores e sociólogos, que podem estudar a vida, os costumes e as tradições do povo brasileiro através de sua obra.

Referências

AMADO, Jorge. "Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras". *In*: Discurso de posse de Jorge Amado. Rio de Janeiro: ABL, 1961.

_____. **Navegação de cabotagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O menino grapiúna**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. **Gabriela, Cravo e Canela**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1995/1958 (1ª ed.)

_____. **Jubiabá**. Rio de Janeiro, Record, 1987/1935 (1 ed.).

_____. **Mar Morto**. Círculo do Livro: São Paulo, 1987.

_____. **O país do carnaval**. Rio de Janeiro, Editora Schmidt, 1931 (1a. ed.).

_____. **Cacau**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1968/1933 (1ª ed.).

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. **Formação da literatura brasileira** (momentos decisivos). 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. **Poesia, documento e história**. In: (Vários autores). Jorge Amado: povo e terra 40 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1972.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Trad. Annie Dymetman. São Paulo: Record, 1991.

SALAH, Jacques. **A Bahia de Jorge Amado**. 1. edição. Fotos de Pierre Verger. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2008. 310p. Broch. Ilustrado.

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tr. Jovita Maria Gerhein Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.